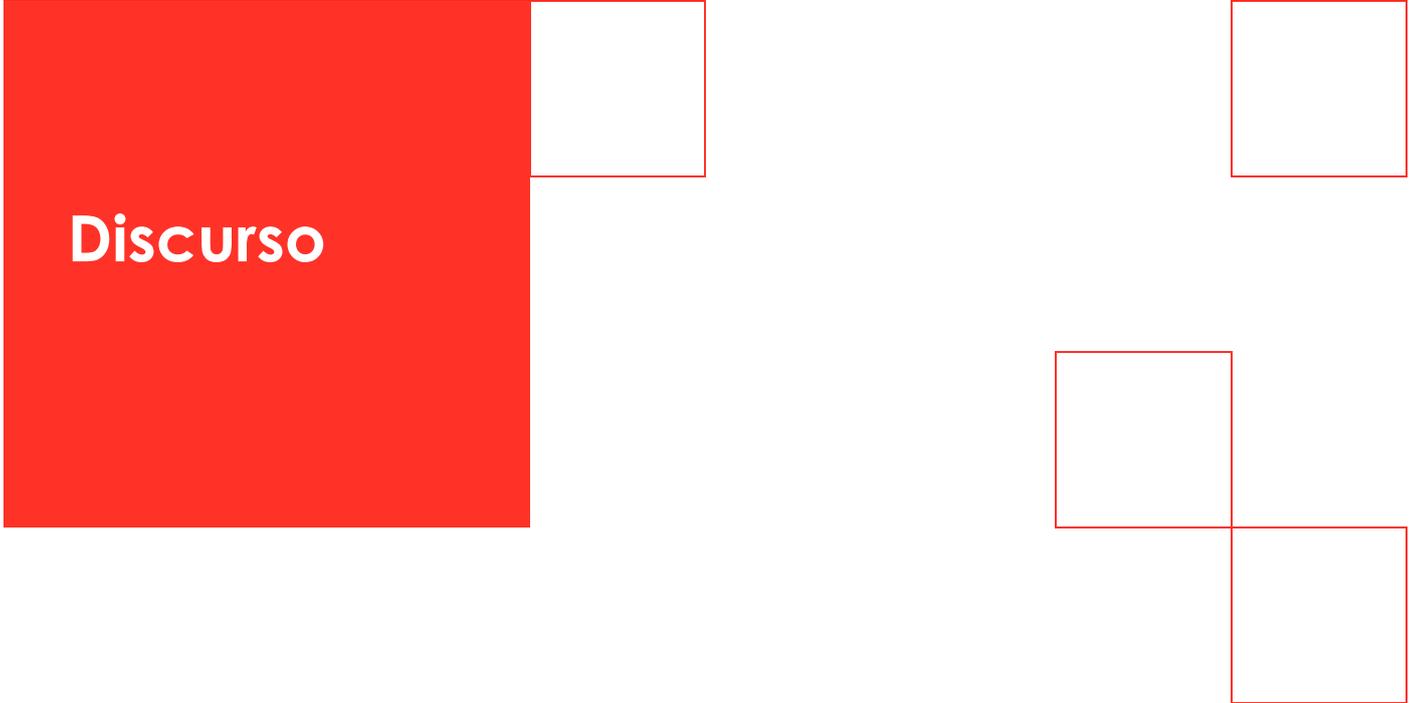




**Universidade
Europeia**

Cerimónia de atribuição do título de Doutor Honoris Causa

07 de abril de 2022



Discurso

Magnífica Reitora da Universidade Europeia

Professora Doutora Hélia Gonçalves Pereira

Foi, para mim, uma enorme surpresa a decisão corporizada pela Universidade Europeia de me atribuir a honrosa distinção deste Doutoramento Honoris Causa que, com reconhecimento, agradeço.

Aprendi na minha formação universitária que “todo o Direito existe em função, e por causa, das pessoas que constituem o seu fundamento ontológico e tem como destinatário o ser humano, na sua relação com os outros e na relação com as coisas”.

Figueiredo Dias ensinava-nos que “nada é neutro do ponto de vista axiológico-antropológico, a tudo estando subjacente uma determinada conceção de ser humano e um quadro de valores individuais e coletivos dela imediatamente decorrente”.

As minhas circunstâncias proporcionaram-me oportunidades de pôr em prática, em situações muito diversas, as minhas valorações.

Uma vida durante a qual me cruzei com António Gentil Martins, que saúdo, em que pude captar a justeza da expressão de Ionesco, quando afirmou que “as ideologias nos separam e os sonhos e as angústias nos unem.” A ideologia separa-nos, mas a luta contra o cancro, designadamente o cancro pediátrico, uma tragédia pungente, uniu-nos. Permitiu que nos encontrássemos na dimensão humana que tudo investe naquilo que importa.

Agradeço, emocionada, as palavras que o nosso Presidente, General Ramalho Eanes, me dedicou, bem como a apresentação generosa que de mim fez o Padre Vítor Melícias, que só a eloquência e a generosidade que o caracterizam conseguem explicar.

O meu, até agora, meio século de vida ativa, coincidiu, na sua mais longa parte, com a nossa vivência em Democracia, que abriu para os portugueses os horizontes da liberdade e do reconhecimento da igualdade em direitos e dignidade de todos os seres humanos, transpondo para os direitos sociais o conceito de universalidade.

Reveste-se, pois, para mim, de um simbolismo extraordinário o papel do nosso Presidente Ramalho Eanes nesta cerimónia, personalidade marcante na defesa e construção da nossa Democracia, que, enquanto Chefe Militar e enquanto Presidente da República, preservou a Democracia e liderou a normalização do regime através da transição do poder militar para a sociedade civil. Com ele, todos aprendemos a importância do respeito pelo compromisso público ao serviço de valores intemporais.

Com o Padre Vítor Melícias, trabalhei diretamente e em contextos diversos. Dele captei os valores da "vida com sentido", da irrelevância dos bens materiais, ensinada e cultivada pelo fundador da Ordem que professa e, mais tarde, teorizada pela doutrina social da Igreja, como princípio do destino universal de todos os bens e do valor estruturante da universalidade como dimensão da pessoa humana e não das coisas.

Pessoa humana essa, como autora, centro e fim de toda a vida económica e social, tendo em consideração uma ordem metaeconómica, porque o fim da economia não está na economia mesma, mas antes, no seu destino humano e social ao serviço do desenvolvimento solidário da humanidade.

Grandes valores e grandes princípios que conciliam os direitos de personalidade civilistas que visam proteger o desenvolvimento pessoal com os direitos fundamentais de natureza constitucional, que suportam um desenvolvimento equilibrado e solidário da humanidade.

Pertenço à geração que aprofundou o sentimento das suas responsabilidades cívicas e políticas na crise académica, despontada na Universidade de Coimbra, em 1969, e que, com o advento da Democracia, beneficiou da possibilidade da concretização do sonho do desenvolvimento humano no país.

Nunca me conformei com o conceito de Portugal como "Estado exíguo"- aquele que sofre os efeitos de decisões em que não toma parte - como, de forma expressiva, define Adriano Moreira. E tive ocasião de sentir, a fundo, como não tem que ser assim, quando fui eleita Presidente da Assembleia Mundial de Saúde, em 1999, e no final da minha intervenção ter sido saudada de forma emotiva, por muitos representantes dos Estados membros da OMS que conheciam e elogiavam pedaços relevantes da nossa História passada e recente.

Tive o privilégio de as circunstâncias da minha vida me terem proporcionado, fosse no desempenho de funções públicas, no exercício de cargos sociais em organizações de economia social em Portugal ou no estrangeiro, no exercício de funções políticas ou, agora, de intensa atividade profissional e cívica ao serviço das causas mais variadas, a possibilidade de intervir na transformação para a melhoria da nossa comunidade e daquelas com que nos relacionamos.

Fi-lo em consciência e com independência sabendo, como escreveu Eugénio de Andrade, que "a independência tem um preço. Sempre o soube e nunca me recusei a pagá-lo!".

Tenho passado pela vida com os olhos abertos e os ouvidos atentos, para bem captar o pulsar da sociedade, para lutar contra as desigualdades que matam e as injustiças que alimentam a perversidade.

Parafraseando Sophia de Mello Breyner, “de tudo quanto vi me acrescentei”, na mais bela definição da epigenética que tanto nos constrói.

Nesta caminhada, tive a companhia de Mulheres e Homens excepcionais, muitos presentes nesta sala, que aqui saúdo, de forma simbólica na pessoa de Maria de Lurdes Pintasilgo, com quem percorri a minha infância política e cujo vanguardismo, cosmopolitismo e sensibilidade contrariaram o paroquialismo que tanto nos asfixia e condena a um atraso relativo com o qual não me conformo, nem nunca me conformarei!

Para mim, uma vida com sentido não se esgota na individualidade de cada um. Antes, investe no reconhecimento da alteridade, da inter-relação com tudo o que nos rodeia para a coconstrução do bem comum.

E é neste contexto que saúdo a Universidade Europeia que, na sua juventude e natureza internacional, encerra especiais responsabilidades no que toca à missão de preparar alunos para os desafios do futuro.

Como fazê-lo?

Cultivando os talentos de cada um, investindo em tudo quanto contribua para a sua capacitação, sem esquecer a dimensão da cidadania crítica e responsável, que integre o respeito pela dignidade humana e pela solidariedade que a sustenta, pois, como afirmou Ramalho Eanes, “o 25 de abril deu-nos a liberdade mas não nos trouxe cidadania”.

Universidade, pela sua etimologia e pela sua origem enquanto instituição, constitui um corpo vivo e simbiótico de professores, estudantes e comunidade, no qual, através do aprofundamento do conhecimento e da sua transmissão, habilita os “seres em devir” que a frequentam, a aprofundar o potencial com que foram dotados, conferindo-lhes “a liberdade de desabrochar” que sustenta a autodeterminação, como ensinou Orlando de Carvalho a propósito do direito geral de personalidade. Como, aliás, o genial Espinoza já nos tinha ensinado no século XVII, quando afirmou que “a capacidade de afetar e ser afetado é agir no mundo” e definiu “essência como a potência de agir no sentido certo”.

Importante dia este, 7 de abril, Dia Mundial da Saúde, este ano sob o lema “O nosso Planeta, a nossa Saúde”, em que somos chamados a “imaginar um mundo onde ar puro, água e alimentação estão disponíveis para todos; onde as economias estão centradas na saúde e no bem-estar; onde as cidades são habitáveis e as pessoas têm controle sobre a sua saúde e a saúde do planeta”.

A realidade atual, segundo a OMS, é bem diversa: cerca de 13 milhões de mortes, anualmente, provocadas por causas ambientais evitáveis, o que inclui a crise ambiental que é a maior ameaça à Saúde que a humanidade enfrenta. Sublinha: a crise do clima também é uma crise de saúde. “Se a pandemia de COVID-19 nos mostrou o extraordinário poder da Ciência, também pôs a nu as desigualdades do nosso mundo. Revelou fraquezas em todas as áreas da sociedade e sublinhou a urgência de criar sociedades sustentáveis, de bem-estar, comprometidas a atingir saúde equitativa, agora e para as gerações futuras, sem quebrar os limites ecológicos”.

A declaração adotada, no âmbito da OCDE, no dia 31 de março último, sob o título “Ambiente Resiliente e Saudável para Todos” faz apelo a uma “ação forte, urgente e transformadora no mesmo sentido, assegurando que estas questões são centrais nas estratégias nacionais de recuperação da COVID-19... para prevenir e reduzir futuros riscos pandémicos e construir sistemas de saúde resilientes ao clima”.

Vanguardista sobre estes temas foi a Encíclica “Laudato Si” - inspirada em S. Francisco de Assis (século XII), o primeiro ecologista, e ancorada na melhor evidência científica - quando apelou à “ecologia integral como inseparável da noção de bem comum, mas entendendo-a de modo concreto face a um contexto

no qual “há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais” e, considerando que não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental”.

A Universidade Europeia, na senda dos prestigiados passos percorridos na sua dimensão ibérica e internacional, prepara-se para abraçar as Ciências da Saúde, praticando um modelo pedagógico inovador que rasgue horizontes que habilitem à compreensão do mundo e acrescente que o futuro está na cooperação, e não, na concorrência que destrói. O forte investimento estrangeiro na construção do novo *campus* sublinha a importância desta aposta e o sentido de compromisso com a qualidade e a responsabilidade que o acompanha.

Faz sentido fazê-lo numa abordagem integrada das competências inter-relacionadas, sob o conceito “One Health”, e da relação deste com os Direitos Humanos de última geração que integram a dimensão ecológica. Respeito pela dignidade humana e condições de vida individuais e coletivas que o possibilitem, são faces da mesma moeda.

Magnífica Reitora, Excelências, Amigas e Amigos,

A minha profunda gratidão pela distinção conferida. Só posso manifestá-la através do compromisso de a honrar, continuando a contribuir, à medida das minhas capacidades, para o combate permanente por sociedades menos fragmentadas, mais igualitárias, onde não haja espaço para “humanidades subalternas” votadas ao desamparo, ao abandono e à discriminação.

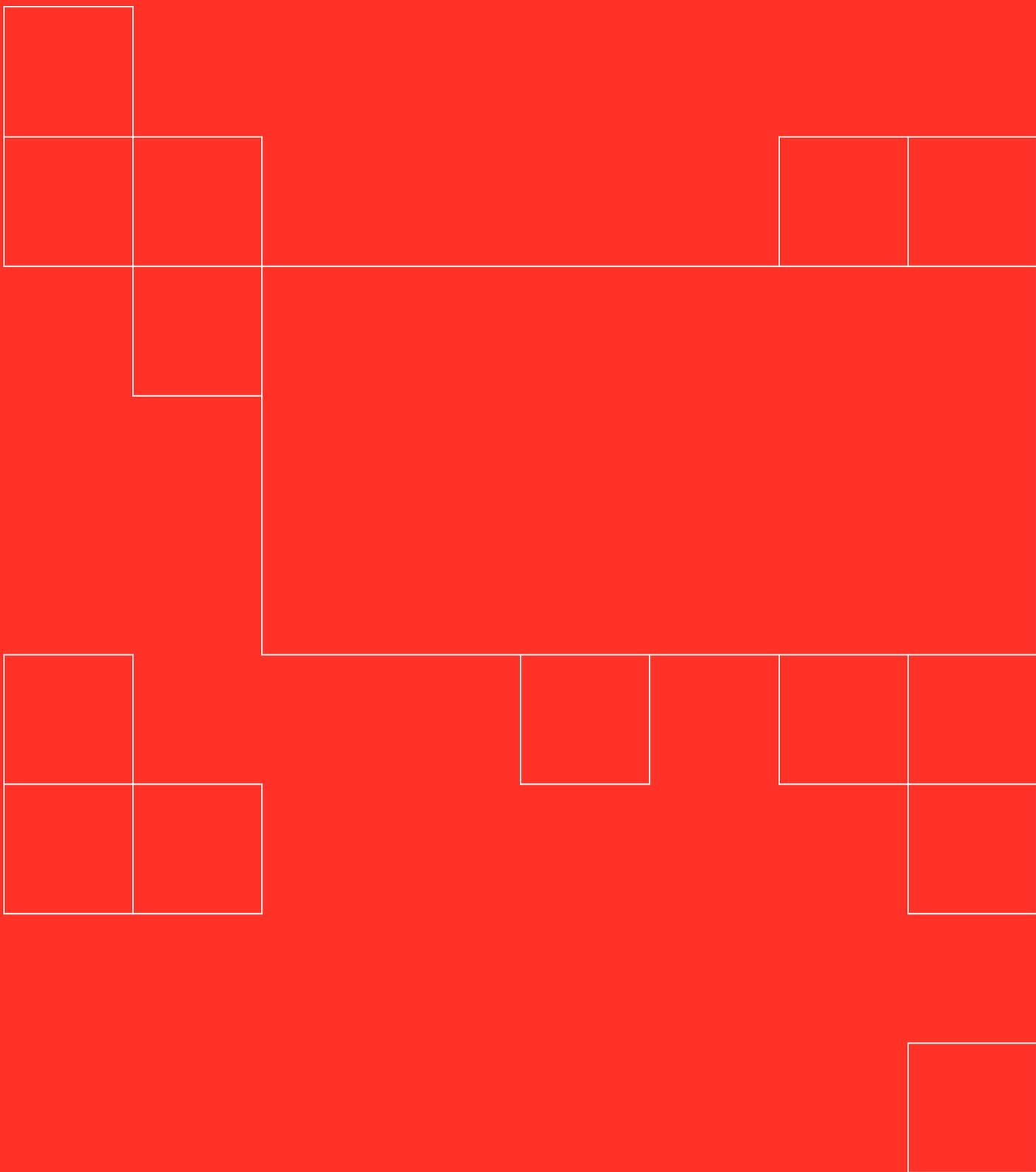
Como afirma Hannah Arendt, os Direitos Humanos são subjacentes, não nos foram dados por ninguém e, como tal, não nos podem ser tirados por ninguém. Mas o conceito de “banalidade do mal” que desenvolveu, a propósito do Holocausto, está sempre a desrespeitá-los, desafiando-nos, como se comprova com a tragédia na Ucrânia, que nem o Direito Internacional, nem o concerto alargado das Nações, tem conseguido evitar.

Precisamos que também a Universidade transmita e capacite para os princípios e valores perenes, pois o que conta, como ensina Amartya Sen, é que sejamos capazes de “resolver as injustiças reais que sejam reparáveis através de ações concretas... A Democracia não é um mero regime político ou a soma de direitos individuais. É uma forma de sociedade que necessita de regras para a justiça social e a redistribuição que permita viver em conjunto e em dignidade, respeito e solidariedade, através do debate e da participação”.

Uma última palavra para a Família, que tive a dita de ter e que constitui a trave mestra afetiva que me ampara, me inspira e que me dá força, mesmo que por causa disso fique tantas vezes para trás! Aquela que põe os braços à minha volta e está sempre lá, nos bons como nos maus momentos, e onde eu encontro o Amor que tudo vence!

Muito obrigada pela vossa presença e pela vossa atenção.

Maria de Belém Roseira



**Universidade
Europeia**